



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA RAQUEL FABRICIO ALVES

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Os desafios no
ensino-aprendizagem de História na sala de aula**

**GUARABIRA – PB
2017**

MARIA RAQUEL FABRICIO ALVES

UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Os desafios no ensino-aprendizagem de História na sala de aula

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História, Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira - CH, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciada em História.

Orientadora: Prof^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474r Alves, Maria Raquel Fabricio.
Uma reflexão sobre o ensino de história [manuscrito] : os desafios no ensino-aprendizagem de história na sala de aula / Maria Raquel Fabricio Alves. - 2017.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação : Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, Departamento de Educação - CH."

1. Aulas de História. 2. Metodologias. 3. Aprendizagem.
21. ed. CDD 372.89

MARIA RAQUEL FABRICIO ALVES

**UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Os desafios
no ensino-aprendizagem de História na sala de aula**

Artigo apresentado ao Curso de
Licenciatura em História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em História.

Aprovada em: 30/11/2017.

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
(Orientadora)

Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa
Prof. Ms Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa.
Faculdade Maurício de Nassau-FMN
(Examinadora)

Aline de Fátima da Silva Araújo
Prof.^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
(Examinadora)

**GUARABIRA
2017**

Dedico este trabalho a Deus, sobre todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que fazem parte do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba.

Em especial, a minha orientadora, professora e mentora intelectual, a Senhora Professora a Senhora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, por aceitar está junto comigo nesta caminhada final do Curso de História

Bem como a todos os funcionários da UEPB pelos serviços prestados. A todos vocês os meus sinceros agradecimentos.

UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA: Os desafios no ensino-aprendizagem de História na sala de aula

RESUMO

O debate sobre a qualidade educativa tem se intensificado no Brasil, sobretudo após a década de 1980. O objetivo deste artigo versa sobre uma reflexão sobre o ensino de história, em ênfase aos desafios no ensino-aprendizagem de história na sala de aula. Bem como apresenta em seu percurso os seguintes objetivos específicos: ressoar a luta por reformas educacionais que assegurem a premissa da qualidade; refletir e expressar em novos aportes teóricos e metodológicos no ensino de história atual; rever no campo das práticas pedagógicas como no da pesquisa os métodos tradicionais, principalmente no ensino de História, na transmissão do conteúdo baseando-se numa ordem narrativo-cronológica. Neste sentido foi utilizado um estudo bibliográfico e descritivo, tecendo um estudo qualitativo, pretendendo servir de incentivo e crítica a prática na produção do conhecimento e de sua propagação a partir das contradições, de análises críticas que venham contrapor teses e teorias, proporcionando, assim, um maior campo de interação entre aluno-professor-conhecimento, para, desse modo, fazer com que o alunado aprenda o saber de forma bem elaborada. Com isso, as aulas de história começam a ser recepcionadas com prazer por parte dos alunos, chamando a atenção para a necessidade de diferenciar aspectos históricos daqueles utilizados apenas para conferir comicidade à obra. Para construção teórica e bibliográfica foram utilizados autores renomados que bem debatem a temática em questões, tais como: BORGES (1993); CHARTIER (1990); BEHAR (2004); CAIME (2006); CEREZER (2007); FREIRE (1997); GADOTTI (2005); KARNAL (2004); LIMA E FONSECA (2003); LE GOFF (1993); PAIXÃO (2012); PILETTI (1991); TORRES (1995). A partir desse trabalho conseguimos despertar o olhar analítico e crítico do aluno, que se mostrará cada vez mais presente no cotidiano escolar e social do mesmo. Sendo assim, o professor precisa usar da sensibilidade e criatividade para inovar nas aulas, servindo-se inclusive do próprio corpo discente para contribuir, tanto com materiais, como fotos, documentos, músicas, revistas, jornais, dentre outros, quanto com a efetiva participação nas discussões feitas em sala.

PALAVRAS- CHAVE: aulas de história; metodologias; aprendizagem; aluno-professor-conhecimento.

A RELATIONSHIP ON HISTORY TEACHING: The challenges in teaching-learning History in the classroom

ABSTRACT

The debate about the quality of education has intensified in Brazil, especially after the 1980s. The purpose of this article is about a reflection on the teaching of history, with emphasis on the challenges in teaching-learning history in the classroom. As well as presenting in its course the following specific objectives: resound the struggle for educational reforms that assure the premise of quality; reflect and express new theoretical and methodological contributions in the teaching of current history; to review in the field of pedagogical practices as in the research of traditional methods, especially in the teaching of History, in the transmission of content based on a chronological-narrative order. In this sense, a bibliographic and descriptive study was used, weaving a qualitative study, pretending to serve as an incentive and criticizes the practice in the production of knowledge and its propagation from the contradictions, from critical analyzes that come against theses and theories, a greater field of interaction between student-teacher-knowledge, in order to thereby make the student learn the knowledge in a very elaborate way. With this, the history classes begin to be welcomed with pleasure on the part of the students, calling attention to the need to differentiate historical aspects from those used only to confer comedy to the work. For theoretical and bibliographical construction, renowned authors have been used, who debate thematic in issues such as: BORGES (1993); CHARTIER (1990); BEHAR (2004); CAIME (2006); CEREZER (2007); FREIRE (1997); GADOTTI (2005); KARNAL (2004); LIMA AND FONSECA (2003); LE GOFF (1993); PASSION (2012); PILETTI (1991); TORRES (1995). From this work we managed to awaken the analytical and critical view of the student, who will become more and more present in the scholarly and social daily life of the student. Therefore, the teacher needs to use the sensitivity and creativity to innovate in the classes, using even the student body to contribute, as much with materials, as photos, documents, music, magazines, newspapers, among others, as well as with the effective participation in the discussions held in the room.

KEYWORDS: history classes; methodologies; learning; student-teacher-knowledge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA.....	10
2.1 INVESTIGANDO AS CONCEPÇÕES DE ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA.....	14
2.2 ANÁLISE DOS DADOS: A HISTÓRIA VISTA NA PERSPECTIVA DO SER CIDADÃO.....	16
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

Ao longo do século XX, o processo educacional vem sofrendo alterações benéficas, no sentido de que vários estudiosos, reflexões e métodos vêm transformando as relações de ensino-aprendizagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), nessas últimas décadas, vêm aprimorando essa onda de inovação, em especial nas escolas públicas, visto que as escolas da rede privada seguem outras diretrizes, em virtude de procurarem seguir os ditames do livro didático, no caso de serem apenas do Ensino Fundamental, ou dos concursos vestibulares, quando trabalham com o público do Ensino Médio (BRASIL, 1997).

Não quer dizer com isso que ficam totalmente à parte desse processo, mas que não fazem um estudo em especial para adequar todo o corpo docente aos PCN (1997) e aos temas transversais. Essa preocupação com a aprendizagem do aluno muitas vezes fica relegada à importância dada aos resultados numéricos obtidos pelo mesmo.

O objetivo deste artigo versa sobre uma reflexão sobre o ensino de história, em ênfase aos desafios no ensino-aprendizagem de história na sala de aula.

Já os objetivos específicos são: ressoar a luta por reformas educacionais que assegurem a premissa da qualidade; refletir e expressar em novos aportes teóricos e metodológicos no ensino de história atual; rever no campo das práticas pedagógicas como no da pesquisa os métodos tradicionais, principalmente no ensino de História, na transmissão do conteúdo baseando-se numa ordem narrativo-cronológica.

Sendo assim, no que se refere à História, a situação não é diferente. Na verdade, assume um caráter ainda mais problemático, pois, em geral, essa área do conhecimento é concebida pelos alunos como uma disciplina sem utilidade em seu cotidiano, além de decorativa. O que piora ainda mais esse quadro é o fato de que muitas vezes profissionais da área da educação colaboram para a propagação dessas ideias, ao apontarem a matéria como sendo de segunda ordem, que não reprova e cujo aprendizado depende unicamente da memória.

Mediante a reflexão sobre as tendências pedagógicas que influenciaram e continuam influenciando o ensino-aprendizagem dessa disciplina, espera-se que o estudo abordado neste artigo possa ajudar os professores a entenderem-se como sujeitos do processo histórico, pois, ao mesmo tempo em que fazem a História, são determinados por ela. Devem perceber que, para interferir e transformar o presente,

é necessário conhecer e entender o passado. A compreensão da História lhes possibilitará uma ação transformadora no processo ensino e aprendizagem, e lhes dará subsídio para repensar as relações sociais existentes nas instituições, tanto de Educação Infantil e Fundamental como de Ensino Médio.

Neste sentido foi utilizado um estudo bibliográfico e descritivo, tecendo um estudo qualitativo, pretendendo servir de incentivo e crítica a prática na produção do conhecimento e de sua propagação a partir das contradições, de análises críticas que venham contrapor teses e teorias, proporcionando, portanto, um maior campo de interação entre aluno-professor-conhecimento, para, desse modo, fazer com que o alunado aprenda o saber de forma bem elaborada.

Contudo, não se pode negar que ainda é grande o número de professores que desconhecem essa caminhada histórica, e, conseqüentemente, são alienados de sua função social enquanto educadores, terminando sem saber que tipo de sociedade e de cidadão querem preparar para o futuro.

Sendo assim, fica difícil mudar as concepções de ensino e aprendizagem vigentes, que continuam presentes de forma mesclada na sociedade, provocando um emaranhado de posturas e uma grande confusão, tanto na cabeça dos alunos como na dos próprios professores.

Para melhor compreensão do presente artigo o mesmo foi dividido em partes para melhor compreensão do leitor, enfatizando contextos como: no ponto 2 a discussão sobre as reflexões sobre o ensino de história, já no ponto 2.1 foi destinado a expressar as investigações sobre as concepções de ensino de história na escola, bem como os percursos que o ensino de História na perspectiva do ensino e aprendizagem do aluno atualmente, seguindo-se do 2.2 que trouxe uma análise dos dados referentes a história vista na perspectiva do ser cidadão, em que destacou o ensino tradicional da disciplina História e preocupação com um ensino ultrapassado e assim, quais as melhorias galgadas no decorrer dos anos para melhoria do processo de ensino e aprendizagem com fins pedagógicos reais para o ensino. Seguindo-se das Considerações Finais e das Referências.

Assim, o percurso utilizado se configura como herança direta da historiografia tradicional. Esta, por sua vez, de influência positivista, tinha um apego formal ao documento escrito. Talvez essa tradição, que marcou boa parte da produção historiográfica do século XX, tenha deixado uma herança perversa também nos cursos de formação de professores de História das universidades brasileiras, o que vem a

desaguar nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Esses profissionais muitas vezes se utilizam do livro didático, sem a preocupação em analisar ou desvendar as imagens presentes nos mesmos.

2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Inicialmente, a História ensinada nas escolas não correspondia a História campo de conhecimento, pois durante muito tempo, parte dela confundiu-se com a história sagrada, que era ensinada nas escolas sob a influência de igrejas cristãs.

A História passou a ganhar importância a partir dos tempos modernos com o objetivo de formar as elites, sobretudo os herdeiros dos tronos Europeus. Os colégios jesuítas, já apresentavam temas de história em seus currículos, porém a História não poderia ser denominado de disciplina escolar, visto que, não era um conjunto de saberes organizado. O objetivo da educação jesuítica era a formação do homem cristão, condicionando os sujeitos a pensarem dentro de suas perspectivas.

A educação religiosa foi perdendo espaço, assim, houve uma rejeição aos currículos desenvolvidos pelos jesuítas, o que levou a sua substituição por outros que contemplasse a ciência moderna, as línguas nacionais e conhecimentos históricos e geográficos.

No século XVIII foram introduzidos vários conteúdos no elenco das matérias escolares inspiradas pelo iluminismo, que procurava a perfeição da luminosidade racional, defendiam a ideia de uma razão universal que procurava a perfeição da luminosidade racional completa e acabada. Pois, o próprio homem que tenta a todo o momento racionalizar o real, não é neutro, pelo contrário, ele tem sua maneira própria e única de ver e interpretar o mundo que o cerca, é um indivíduo com seus próprios anseios, emoções (KARNAL, 2004).

Como uma ação conservadora à filosofia do Iluminismo, surge a Revolução Francesa. Durante esse período, a História ainda era um elemento secundário nos currículos escolares usada como complemento dos estudos clássicos e da aprendizagem do latim associada às concepções universalistas dos iluministas.

No início dos oitocentos, em alguns países Europeus a educação passou a ser vista como competência do Estado, assim, o ensino público se preocupou com a

formação adequada ao sistema social e econômico transformado pela consolidação do capitalismo e com o fortalecimento das identidades nacionais, pois para existir o capitalismo fez-se necessário a existência de uma ordem (GADOTTI, 2005).

As afirmações das identidades nacionais fizeram com que a História fosse tema central no conjunto de disciplinas escolares, pois através dela tornou-se possível apresentar as crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os vultos que assombraram a pátria. Esses eram os objetivos da historiografia aliada com o Estado. Através dos livros didáticos e dos programas oficiais, elaborados com o controle dos detentores do poder, os conteúdos chegavam à escola (LE GOFF, 1993).

Ao longo do século XIX, ocorreu uma sistematização do ensino de História e esta se constituiu como disciplina escolar.

De acordo com BORGES (1993), o passado pelo passado tem um interesse muito limitado, e, por vezes, nulo. Percebemos que hoje a História explica o presente correlacionando com o passado, contribuindo para explicação da realidade em que vivemos, por isso, é importante sua divulgação fora das universidades e das escolas onde está prisioneira há vários anos.

É a partir dessa divulgação que entendemos a realidade e podemos ajudar a transformá-la. Para compreender como se configura a história hoje, é preciso estudar sua origem e sua evolução, pois somente a história da história pode nos fazer compreender como hoje ela se apresenta (BORGES, 1993).

Com a evolução, após vários estudos, percebeu-se que se torna mais produtivo e prazeroso o estudo da história quando relacionado com o sujeito participativo no processo histórico. Conforme os PCN's nos capítulos dedicados a História, os alunos devem desenvolver as seguintes habilidades nas séries iniciais do Ensino Fundamental:

Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.

Discernir algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais existentes em seu grupo de convívio, tanto o escolar quanto o da sua cidade. Reconhecer que algumas situações sociais, econômicas e culturais se transformam enquanto outras permanecem iguais, em seu espaço de convivência.

Caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que viveu ou, quando possível, que vive até hoje na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas.

Estabelecer diferenças entre seu modo de vida e o da comunidade indígena estudada.

Identificar alguns tipos de documentos históricos e fontes de informações, discernindo suas funções.

Reconhecer algumas relações econômicas, sociais, culturais e políticas que sua coletividade estabelece com outras localidades, no presente ou no passado.

Identificar a ascendência e descendência das pessoas que pertencem a sua localidade, quanto a nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais.

Distinguir as relações de poder, formais ou de fato, estabelecidas entre sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos.

Utilizar diversas fontes de informações-jornal, revistas, noticiário de TV ou de rádio, conteúdos na internet - para o desenvolvimento da leitura crítica.

Valorizar as ações coletivas que tenham repercussão nas melhorias das condições de vida das comunidades (BRASIL, 1997, p. 33)

Desse modo, a proposta dos PCNs é que o professor, ao lecionar História nos primeiros anos do Ensino Fundamental trate de três conceitos que estarão presentes em todos os anos de escolaridade: o fato histórico, o sujeito histórico e o tempo histórico (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, trabalhar conceitos de verdade, temporalidade e mentalidade em todo e qualquer período ajuda o alunado a compreender melhor as transformações históricas, e, assim, ampará-lo melhor para se submeter às avaliações escolares e aos exames vestibulares. Desse modo, saímos do marasmo nas aulas e do comportamento voltado à “decoreba” como recurso utilizado pelos alunos para obter um bom resultado nas provas, para uma postura questionadora, analítica, que converge para a apreensão do conhecimento e para a melhoria dos resultados nas avaliações de modo geral (CHARTIER, 1990).

Uma vez que os exames vestibulares abordam temáticas cada vez mais pertinentes ao cotidiano, e a História das Mentalidades, com isso, tem-se de atentar para um trabalho minucioso sobre as grandes mudanças estruturais ao longo do período histórico, bem como da maneira de pensar. O problema é que nem sempre os livros didáticos conseguem atender de maneira satisfatória a esses pré-requisitos.

O que devemos levar em consideração é que o ensino, atualmente, acrescenta novas formas de avaliação dos conteúdos e a absorção de conhecimentos e os conteúdos que gerem verdadeira posição de apresentarem ao educando, a exemplo disso, temos as questões do Vestibular, que eram processos de seleção que garantiam a entrada dos estudantes nas universidades caracterizado num período de 1911 em que surge através da Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental, a criação do Vestibular, que visava classificar os estudantes com maior nível de

conhecimento para as vagas nas universidades, excluindo, em sua maioria, aqueles que não atingiam as maiores metas.

Assim, o processo de evolução do ensino e o amadurecimento das provas foi um avanço para nossa educação, e processo histórico, com o tempo os processos de seleção foram se modernizando, e revelando as novas necessidades do educando e da própria conjuntura social em que vivemos. As provas ganharam novas estruturas, com questões das mais diversas áreas de ensino, presentes desde o ensino fundamental e médio, sendo compostas por todas as matérias, assim, surgiu o Exame Nacional do Ensino Médio (**ENEM**), criado em 1998, sendo usada inicialmente para avaliar a qualidade da educação nacional, como forma de medir os conhecimentos dos educandos oriundos do Ensino Médio, só foi em 2009, que o Ministério da Educação (MEC) como um vestibular personificado, sendo considerado o principal vestibular do país e encontra-se divididos em quatro áreas de conhecimento, revelando uma nova roupagem para a seleção e ingresso nas universidades públicas brasileiras.

Mesmo assim, apesar da evolução do ensino ainda encontramos muitas Universidade que adotam provas tradicionais para ingresso de vagas.

Com isso, o ofício do historiador se converte em um labor ainda mais árduo, do que já o é naturalmente. Deste fato é possível depreender que é preciso trabalhar os processos historiográficos dando funcionalidade aos mesmos e fazendo sempre uma analogia com os fatos atuais, quer seja para mostrar a influência de uma dada época na contemporaneidade ou para revelar uma disparidade completa. Pode-se ainda suprir as lacunas deixadas pelo livro didático, que muitas vezes é o único material disponibilizado aos alunos, principalmente aos do da rede pública de ensino. Planejar as aulas e escolher as estratégias e metodologias para ministrar as mesmas é fundamental para o bom relacionamento entre alunos, professores e conteúdo ministrado (PAIXÃO, 2012).

Para tanto, vemos no Construtivismo uma ferramenta preciosa, pois aguça a atenção dos alunos e a elaboração do saber. Nesse sentido, a busca do conhecimento é imprescindível, além de uma atividade inseparável da prática social, não devendo, portanto, se embasar no acúmulo de informações, mas, sim, numa reelaboração mental, que deve surgir em forma de ação sobre o mundo social (GADOTTI, 2005).

2.1 INVESTIGANDO AS CONCEPÇÕES DE ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA

Até o começo dos anos 70 e meados dos anos 80, ensinava-se História principalmente com o objetivo de criar uma identidade nacional no aluno, ou seja, era preciso repassar valores contextuais de nossa história, de nosso povo, uma cultura politizada (CHARTIER, 1990). No entanto, muitas vezes, a “identidade” deixava mais dúvida do que identificação. Por exemplo, independentemente da nossa cor, éramos todos descendentes de portugueses. Pouco se falava das centenas de grupos indígenas que viviam no Brasil de 1500. A respeito dos negros, que já foram muito mais numerosos do que os brancos, as informações eram mínimas.

O ensino tradicional da disciplina História preocupava-se com a memorização de datas e nomes considerados relevantes para a história do país. Longe da realidade e sem utilidade visível, a referida disciplina abordava assuntos que existiam apenas em livros didáticos (com a fins pedagógicos), imagens antigas e objetos encontrados em museus (PAIXÃO, 2012).

Neste sentido para a autora BITTENCOURT (2004) as características de um ensino tradicional ainda estão presentes em nossas escolas, porém, podemos fazer uma contraposição entre a História tradicional e as tendências atuais, como bem descreve-se na passagem a seguir:

A alteração nas formulações técnicas dos textos curriculares, que passaram a apresentar fundamentações sobre o conhecimento histórico e sobre os demais tópicos da disciplina;
A preocupação com a implementação dos currículos, buscando sua legitimidade junto aos professores, justificando sua produção e procurando diluir formas de resistência aos documentos oficiais;
A redefinição do papel do professor, fornecendo-lhe maior autonomia no trabalho pedagógico, concepção está expressa na ausência de um rol de conteúdos estabelecidos de forma obrigatória para cada série ou ciclo;
A apresentação mais detalhada dos pressupostos teóricos e metodológicos do conhecimento histórico;
A fundamentação de maneiras diversas, mas tendo como princípio que o aluno é sujeito ativo no processo de aprendizagem;
A aceitação de que o aluno possui um conhecimento prévio sobre os objetos de estudos históricos, obtido pela história de vida e pelos meios de comunicação, o qual deve ser integrado ao processo de aprendizagem;
A introdução dos estudos históricos a partir das séries iniciais do ensino fundamental (BITTENCOURT, 2004, p. 111-112).

Ou seja, essa citação revela a necessidade e preocupação do estudo dos fatos e a ênfase na história, seja social ou fatos políticos, vendo o homem e a história, como

componentes da mesma da mesma relação, em que suas esferas de atuação se relacionam entre si, desde a política à economia, as questões sociais à ideológicas, são vistas em influência mútua.

Assim, a noção de “transdisciplinaridade é uma característica dessa nova tendência, em que história se relaciona com a sociologia, antropologia cultural, filosofia e outras ciências do homem, até a psicologia (ênfase ao inconsciente coletivo, por exemplo) (PAIXÃO, 2012, p. 60).

Mas o ensino de História mudou, graças a fatores como a expansão escolar, que trouxe um público culturalmente diversificado aos estabelecimentos de ensino, aumento do acesso dos estudantes para as formações e uma nova visão pedagógica, que considera os alunos como participantes ativos na construção do conhecimento. O que se busca, atualmente, é desenvolver a consciência humana, algo que pode ser alcançado estabelecendo-se relações entre identidades individuais, sociais, coletivas e relacionando-se o particular e o geral, construindo as noções de diferenças e semelhanças e de continuidade e permanência. É nesse sentido, que o presente trabalho busca refletir sobre a concepção de História que os professores das séries iniciais possuem.

A representação do passado e do que consideramos importante representar é um processo constante de mudança. Se a memória muda sobre fatos concretos e protagonizados por nós, também muda para fatos mais amplos. A História está envolvida em um fazer orgânico: é viva e mutável. Um livro sobre uma guerra escrito há cem anos continua válido como documento, mas é muito provável que a visão de quem o escreveu esteja superada. Por superação entendemos o que não é mais compartilhado pela maioria (KARNAL, 2004, p. 8).

A grande finalidade deste artigo que estamos por começar se dirige na direção do repensar as atividades educativas no tocante às novas formas de fazer e construir o saber histórico em sala de aula. Enquanto educadora e futura historiadora, não acreditamos que ao final deste artigo tenhamos conseguido atingir os nossos objetivos de forma total, mas este será o resultado dos primeiros esforços nesse sentido (TORRES, 1995).

Analisar a aula de História é, sem dúvida alguma, fazer uma retrospectiva de tudo o que foi trabalhado na academia, principalmente na disciplina de prática pedagógica. É fazer uma associação entre prática e teoria, e se tratando das observações feitas durante o meu período de estágio pude perceber, ou melhor,

comprovar o que todos já sabem: A aula de História, em grande medida, é vista como algo chato e entediante pelos alunos (KARNI, 2004).

Partindo dessa realidade deve-se sempre ter a preocupação de trabalhar o conteúdo de forma a fazer dele algo interessante para o aluno. Ou seja, a preocupação não deve ser apenas de cumprir cronograma ou avaliar os alunos, mas, os esforços devem ser direcionados no sentido de fazer com que eles “despertassem” para o fato de que a história caminha de forma linear e nesse sentido, cada conteúdo estudado podia ser entendido como fruto de todo o processo histórico trabalhado, anteriormente, aula após aula. Daí a necessidade de se estar sempre em dia com as leituras, fazendo da exposição do professor um momento de se trabalhar as dúvidas, uma espécie de reforço (BEHAR, 2004).

Fazendo um balanço das aulas ministradas de história que podemos identificar ao longo dos anos, seja enquanto aluno, seja enquanto educador, deve-se levar em consideração que apesar de sempre tentar articular algo diferente, deve-se fazer uma espécie de contrapeso entre o ritmo do professor e o ritmo dos alunos, isso pelo fato de os mesmos, em sua grande maioria, apresentarem “sequelas” de uma educação deficitária vivenciada nas séries iniciais.

Nesse contexto, o professor de história terá que enfrentar o gravíssimo problema da ausência do hábito de leitura, o que acabava limitando-os pelo fato de “restringir” as informações por eles absorvidas aos meios audiovisuais (rádio, programas de TV, filmes) e até mesmo as aulas trabalhadas em sala, isso quando elas conseguiam prestar alguma atenção em meio às conversas dos colegas e, a suas próprias distrações, como bem descreve Karnai (2004); Gadotti (2005) e Behar (2004) revelando desde a situação do professor de História, até o ensino propriamente dito.

Assim, prender a atenção dos alunos através de aulas expositivas onde eu escrevia no quadro, todo o esquema da aula, e no momento da apresentação das ideias chamava sempre a atenção deles para toda a iconografia (mapas, pinturas, desenhos e charges) existente no capítulo trabalhado no livro didático. Em alguns casos, essa atenção poderá ser voltada a ampliações de mapas que eram fixadas, por mim, na parede. Tentando sempre fazer com que eles articulassem a relação entre o conteúdo estudado e sua significância para o entendimento das normas e padrões existentes na nossa sociedade atual.

Nesse sentido, o professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber essa relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. O

aluno que não perceber essa relação não verá sentido naquilo que está aprendendo e não aprenderá, resistirá à aprendizagem e será indiferente ao que o professor estiver ensinado.

Temos que entender que “a aula de história possui significados que precisam ser compreendidos pelos educandos para que haja transformação” (CEREZER, 2007).

O verdadeiro sentido das aulas de história, tendem a ignorar todo o conteúdo. Cabe ao professor, portanto, saber mobilizar o “desejo” de aprender, ensinando e aprendendo a ensinar a cada aula, fazendo de cada situação um laboratório aonde as experiências vão sendo vividas e trabalhar de acordo com as necessidades de cada situação.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS: A HISTÓRIA VISTA NA PERSPECTIVA DO SER CIDADÃO

O aluno do Ensino Fundamental I, precisa ser encarado de forma que desperte neles o ensino com criticidade.

Em tempos de democratização não se concebe mais a relação ensino-aprendizagem de forma meramente transmissiva. Sobretudo no que tange a metodologia do ensino de História, uma vez que possibilita conhecer as formas de organização do território brasileiro e mundial, nas perspectivas política, educacional, econômica, ideológica, enfim, em diferentes contextos essenciais para a compreensão da dinâmica social que se apresenta na atualidade que possibilite a intervenção (CEREZER, 2007).

Considerando que o ensino de História na atualidade se dá na perspectiva da criticidade, onde as escolas devem procurar trabalhar com metodologias de ensino diversificadas, para que a História do Brasil curricular escolar do Ensino Fundamental I, seja realmente capaz de revelar criticidade e levar conhecimento aos alunos de forma proveitosa (PAIXÃO, 2012).

O que se deve revê também, são metodologias que resgatem os conteúdos ministrados na disciplina História, como componentes do currículo e tentaram ensiná-los de forma que os alunos ficassem inteirados do processo social. Assim, **O ENSINO DE HISTÓRIA E A REALIDADE ESCOLAR** deve-se sempre buscar atividades

prazerosas que estimulem e criem no aluno a criticidade dos conteúdos trabalhados no Ensino de História.

No que diz respeito às atividades, sempre buscava trabalhar com questões criativas para tentar despertar o interesse dos alunos. Assim, em meio às tradicionais questões abertas, havia sempre o uso de textos complementares, palavras cruzadas, um vocabulário onde os alunos com a ajuda do dicionário indicavam o significado de cada palavra, este exercício tinha por finalidade enriquecer o vocabulário das crianças, além de incentivar a frequente prática de consultas ao dicionário.

Há ainda, a preocupação com o livro didático e história, que apresenta textos com exercícios didáticos e sempre ao término frases de efeito, como forma de estimular a reflexão dos alunos. O detalhe da frase, para o professor é fundamental, pois motivar é relacionar o trabalho escolar aos desejos e necessidades do aluno, assim eu buscava sempre colocar algo que fizesse sentido para eles e que tivesse alguma relação ao nosso tema trabalhado durante a aula (CEREZER, 2007).

Em meio a tudo isso, alguns alunos podem simplesmente não se deixar seduzir ignorando totalmente os exercícios propostos (CAIME, 2006).

Inicialmente, esses exercícios eram trabalhados como uma atividade de casa, no entanto, o fato de a grande maioria das crianças não disporem, em casa, de dicionário fez com que eu disponibilizasse alguns minutos da aula para eles fazerem essa pesquisa em sala.

Deve-se considerar, portanto, que a realidade do aluno muitas vezes o impede de cumprir as exigências que vão sendo “impostas” durante seu processo de ensino-aprendizagem, cabe ao professor está sempre atento de forma a dar aos alunos condições básicas para que estes possam absorver o conteúdo, trabalhando de forma satisfatória.

Atingindo assim, o que é proposto como meta para o ensino de história:

O desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, tais como: estabelecer relações históricas entre o passado e o tempo presente; situar os conhecimentos históricos em múltiplas temporalidades; reconhecer semelhanças, diferenças, mudanças e permanências, conflitos e contradições sociais em/entre diversos contextos históricos; dominar procedimentos de pesquisa, lidando com fontes textuais, iconografias, sonoras e materiais; valorizar o patrimônio sociocultural e o direito à cidadania, respeitando a diversidade social, étnica e cultural dos povos, dentre outros (CAIMI, 2006, p.18).

Tendo por base esses preceitos, no que diz respeito ao ensino de História, está faltando uma maior sensibilidade dos professores para “burlar” as dificuldades existentes em cada ambiente, afinal “cada caso é um caso”, direcionando as metas propostas pelo currículo escolar para atender as reais necessidades dos alunos. É dizer que o ensino de História deve, literalmente, contemplar os seus alunos, para que estes não o vejam com um discurso vazio.

Não se pode negar, é claro, que a participação do aluno é algo fundamental, o processo de aprendizagem não é neutro, não cabe mais ao professor a tarefa de “reproduzir” os velhos manuais. A nova concepção que se tem é que o professor deve atuar com intermediador do conhecimento e, nesse sentido, “o próprio aluno se educa”. Não que isso tire do professor a responsabilidade de ensinar, pelo contrário, dá a ele a chance de aprender também, fazendo com que a interação aluno-professor seja vista com uma espécie de troca onde o professor aprende estudando para ensinar; aprende ensinando; e aprende, principalmente, interagindo com o aluno, ouvindo as experiências vivenciadas por ele no seu dia-a-dia.

A utilização de metodologias apropriadas para construção e difusão do conhecimento histórico, seja no domínio da pesquisa científica; ou no domínio das salas de aula das escolas torna-se uma estratégia essencial para que os educandos possam apropriar-se de um olhar crítico da sociedade em que vivem e de si mesmo (PAIXÃO, 2012).

Atualmente, as formas de fazer e construir o conhecimento histórico na sala de aula vem passando por uma forma diferenciada de incrementar sem precedentes.

Neste território, a utilização de imagens se insere no processo de ensino-aprendizagem como mais uma possibilidade de fomentar o espaço lúdico e mágico da atividade docente, orientando ou desenvolvendo determinados temas a serem pesquisados, além de indicar caminhos divertidos de reflexão, revelando-se uma excelente estratégia no campo pedagógico do ensino de história (CEREZER, 2007).

Nesse sentido, as imagens vêm sendo comumente trabalhadas pelos professores de história, se constituindo como um recurso ímpar, auxiliando na aprendizagem (BEHAR, 2004).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste trabalho percebemos que nós, enquanto futuras educadoras devemos ter consciência que a História ministrada nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental I, tem como principal desafio, fazer com que os alunos reflitam, analisem e problematizem a História, como parte integrante da vida de cada um deles, de forma a possibilitá-los uma compreensão sistemática e crítica da realidade.

Pois, sem dúvida, o processo metodológico utilizado neste artigo conseguiu atingir a resposta dos objetivos elencados ao longo da produção. Assim, revelando que a História está presente na vida de cada indivíduo. Seria impossível não precisar desta palavra e isto se dá pelo fato da história ser viva, dinâmica. Então, vale ressaltar, que este estudo também nos propiciou a reflexão sobre o conhecimento teórico que o professor possui em relação a sua prática pedagógica.

O que se deve levar em consideração para futuras pesquisas e concepções acadêmicas é que o ensino de história é uma ponte para o conhecimento de uma civilização, do tempo, seja cronológico, seja socialmente falando, é para nós mesmos sabermos como foi o passado, afim de explicar o presente e entendermos o futuro.

Assim, concluindo que a História é uma modalidade de ensino, que chama muita atenção, porque se trata de trabalhar o passado do cidadão de outrora, explicitando a situação desse cidadão atual.

Ou seja, o presente artigo versa-se pela premissa de servir para estudos futuros inovando em metodologias de ensino que possam se constituir como excelentes estratégias para o ensino de história, se instrumentalizadas corretamente. Neste artigo, construímos a partir da seleção do entendimento de como o ensino de história poderá ser atingido se, a escola e o professor estiverem aliados no processo crítico e discursivo para a formação do educando, um quadro de oposições do fenômeno do conhecimento, demonstrando a possibilidade de refletir sobre o mesmo, superando as simplificações do tempo histórico, por exemplo, fazendo o convite para que o aluno venha refletir de forma crítica sobre as visões de mundo que circulam pela história.

Para que melhor possamos repassar os conhecimentos do ensino de História em sala de aula, é necessário que repensemos em nossas metodologias de ensino, bem como, as mesmas sejam trabalhadas com fins pedagógicos de aprendizagem do aluno, assim, destacamos, como importantes algumas metodologias de ensino para a disciplina, citadas por Paixão (2012), tais como: Realidade histórica: conjunto dos fenômenos pelos quais se manifestou, se manifesta ou se manifestará a vida da

humanidade; a realidade objetiva do movimento do mundo e das coisas. O conhecimento histórico: a observação subjetiva da realidade pelo historiador. A obra histórica: o registro da observação da realidade feita pelo historiador em um relato escrito (p. 44). Dentre outras metodologias que podem e devem destacar os objetivos de aprendizagem do Ensino de História, desse já compreendendo que ensinar História é partir da premissa da criação, em que as possibilidades de investigação devem ser levadas em consideração, bem como, sem separar o ensino da aprendizagem e da pesquisa, assim, e não menos importante, reconhecer que o professor de História é um sujeito histórico inserido em grupos sociais no qual interage e representa seu papel fundamental na construção do conhecimento histórico de seu alunado. E por fim, o Ensino de História deverá servir de destaque aos conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida e das metas de ensino e aprendizagem do educando/cidadão de hoje e sempre.

Assim, torna-se mister o uso de novas metodologias no ensino de história com a finalidade educativa no contexto da sala de aula. No entanto, o olhar crítico que poderá acenar para uma sociedade mais ética e democrática, dependerá do manejo a partir dessa nova forma de fazer, construir e resignificar o conhecimento histórico, exigindo dos profissionais da área o repensar e a atualização de suas práticas docentes.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394. Brasília: MEC/SEC, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

BEHAR, Regina. Para que serve o professor de História? In: Formação do Historiador: Tradições e descobertas. FLORES, E. C.; BEHAR, Regina (org). **Formação do Historiador**: T e d. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. Editora Cortez em sua coleção Docência em formação: ensino fundamental, pp. 111-112, 2004.

CAIME, Flávia Eloísa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História. In: Revista tempo, p. 17-32, Junho/2006.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. Formação de Professores e Ensino de História: Perspectivas e Desafios. In: **Revista Espaço Acadêmico** – nº 77, Ano VII, Out/ 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. Curitiba: Positivo, 2005.

KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula** – conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA E FONSECA, Thais Nivia de. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LE GOFF, J. **A história Nova.** São Paulo, 1993.

PAIXÃO, Priscilla Campiolo Manesco. **Metodologia do ensino de história**, p. 228; Maringá - PR, 2012.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** 9 ed. São Paulo: Ática, 1991.

TORRES, C. A. **Cinco reflexões sobre educação:** alfabetização e cidadania. São Paulo: RAAB, 1995.